

Para Sachs, economia brasileira 'tem salvação'

Paulo Lima/AE

O economista entende que um calote pode ser evitado, mas afirma que situação é difícil

O economista americano Jeffrey Sachs acredita que a economia brasileira tem salvação: para ele, o "Brasil não é um país falido que precisa decretar moratória". Em entrevista à BBC Brasil, o professor da Universidade de Columbia afirma, no entanto, que existe o risco de um calote, mas por causa do pânico do mercado, e não em decorrência da situação da economia. Sachs, um crítico ácido do FMI, entende que o acordo com a instituição "provavelmente vai ajudar o Brasil a pelo menos atravessar as eleições sem uma crise mais séria". Ele diz, no entanto, que o "FMI nunca sal-

universitária. "O que eu estou tentando deixar claro é que as preocupações têm que ser de médio prazo. Não podem ser apenas preocupações imediatistas, como as do FMI e as da Standard & Poor's. O Brasil precisa de uma economia orientada para a exportação, baseada em produtos de maior tecnologia. Tem que ser responsável na política fiscal, mas não pode deixar a economia ir para o buraco só cortando gastos e aumentando impostos".

Embora afirme que "os últimos anos foram difíceis para todos os países em desenvolvimento", Sachs diz que o Brasil demo-

rou demais para desvalorizar o real. "Falei por anos seguidos, desde 1995, para o Brasil não esperar por uma crise, para manter a taxa de câmbio competitiva, porque as exportações é que iriam segurar a barra". Depois da crise que ulminou com a desvalorização em 1999, o cenário começou a mudar em 2000 e 2001. "O novo presidente pode entrar num cenário positivo e se concentrar em um

plano de médio prazo em que, basicamente, haveria criação de empregos no setor exportador. Mas para isso é preciso se preocupar em manter uma taxa de câmbio realista".

PROBLEMA É INSTABILIDADE DOS MERCADOS



Jeffrey Sachs: o FMI não deve ser obedecido de maneira cega

Somente os próprios países podem se salvar e, para isso, o próximo presidente terá que ser responsável e coerente em sua estratégia. No fim das contas, isso vai depender cem vezes mais do próximo presidente do que do FMI

Jeffrey Sachs

vou ninguém". "As receitas do FMI são muito simplistas e apontam para o lado errado. Somente os próprios países podem se salvar e, para isso, o próximo presidente terá que ser responsável e coerente em sua estratégia. No fim das contas, isso vai depender cem vezes mais do próximo presidente do que do FMI".

Mesmo fazendo essas críticas à instituição, o economista gostou da decisão do FMI de ajudar o Brasil. "Quando a Argentina começou a afundar e acabou a traçando o risco Brasil para a berlim, os EUA sentiram que deviam fazer algo para frear essa tendência pelo menos até as eleições. O risco de que o Brasil entrasse em colapso e estivesse caminhando para o abismo aumentou muito, e eu fico satisfeito que eles tenham tomado essa decisão".

Sachs afirma também que os países não devem adotar à risca a receita do FMI: "Se você segue a receita do FMI cegamente, corre o risco de acabar num abismo, como outros países acabaram. O que quero dizer é que, algumas vezes, isso significa não obedecer totalmente ao FMI. Às vezes, é melhor tentar renegociar o que o FMI exige. Basta olhar para a Argentina para ver o que acontece. As políticas do FMI não faziam sentido, o diagnóstico do problema era ruim, os remédios não eram bons. A postura do FMI com a Argentina nunca fez sentido."

O economista não descarta a ocorrência de um calote da dívida no Brasil, afirmando que há esse risco "porque os mercados financeiros estão muito instáveis". "Se os credores, as agências de classificação e o FMI, juntos, concluírem que o Brasil é um lugar extremamente perigoso vão conseguir provocar um pânico que vai acabar impedindo que o governo role a dívida. E a moratória aconteceria como uma profecia auto-realizável".

Para ele, o próximo presidente precisará ter "um plano responsável para os próximos anos, entendendo que "o Brasil tem potencial para ser uma grande força na economia mundial." Sachs afirma ainda que "o candidato não pode fazer provocações de nenhum tipo, que só pioram as coisas." "Mas posso dizer que todos os candidatos me parecem ter o potencial de controlar a economia com responsabilidade. A situação é frágil, mas tem salvação. Isso não requer uma obediência cega às regras do FMI."

O economista ressalta ainda que o País deve adotar uma estratégia voltada para o mercado internacional. "O Brasil olhou muito para dentro na sua história econômica recente. Somente em 1999, com a desvalorização do real, foi que os empresários brasileiros se deram conta de que estavam produzindo apenas para o mercado interno, e esse foi o grande erro do Brasil".

Sachs comparou a estratégia do Brasil com a da China. "Enquanto a China estava numa fase de boom, conquistando mercados que o Brasil poderia ter, as principais autoridades brasileiras ficava dizendo: 'O País não precisa competir, temos um mercado interno tão grande'. Esse foi o maior erro. O Brasil tem uma base industrial forte, e precisa ir atrás de mercados no mundo inteiro. O País precisa competir com a China, Europa, entrar no mercado americano. Essa é a principal chave para o desenvolvimento do Brasil."

Para alcançar esses objetivos, ele entende que o Brasil precisa investir mais em ciência e tecnologia, dando ênfase ao desenvolvimento tecnológico, em setores de alta tecnologia, em educação